

COMO LIDAR COM A DIVERSIDADE ÉTNICA RACIAL ENTRE EDUCADORA E ALUNAS NOS ESPAÇOS DE VIGILÂNCIA?¹

Thais de Lima Machado², Vicente Concilio³.

¹ Vinculado ao projeto “Teatro e prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância”

² Acadêmica do Curso de Teatro – CEART – Bolsista PROBIC

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – viconcilio@gmail.com

Este resumo pretende expor e dialogar com algumas das atividades desenvolvidas na área da pesquisa do projeto *Teatro e Prisão: Práticas de Infiltração das Artes Cênicas em espaços de vigilância*, orientado pelo professor do Departamento de Artes Cênicas, Dr. Vicente Concilio. Com foco na diversidade de etnias entre educadora e alunas, inicio a escrita comentando sobre os funcionamentos do grupo de pesquisa e extensão da UDESC. O projeto de Teatro e Prisão esteve em constante mudança desde o período da pandemia, nós acadêmicos e não acadêmicos presentes do grupo tivemos que nos adaptar às atividades, principalmente as externas. Ao retomarmos o acesso aos espaços de vigilância, após a flexibilização das medidas restritivas instauradas na pandemia, o grupo retornou às atividades presenciais, retomando os encontros dentro do presídio feminino e do socioeducativo CIF, localizado no bairro Agrônômica em Florianópolis.

Eu, Thaís de Lima Machado e mais dois colegas, fomos os bolsistas responsáveis por ficar entre as pesquisas na UDESC e as práticas no Centro de Internação Feminina (CIF). A estrutura iniciou-se com duas aulas semanais, nas quartas e quintas. Por conta de horários, toda quarta o bolsista Nicolas estava presente e eu, Thaís e Helena fazíamos um revezamento, já nas quintas éramos sempre eu e ela. Quarta era o dia de focar em uma dramaturgia, a qual através de jogos teatrais fomos construindo junto com as alunas. Primeiramente pedimos que elas nos apresentassem uma música que a gente não conhecesse, levou um certo tempo, pois as músicas do momento eram as primeiras a vir na mente, até que encontraram “Preta”, do Mc Negoinho do Kaxeta. A música escolhida demonstra a história de um amor antes e depois da fama, o qual passou por diversas dificuldades, porém conseguiu superar todas elas. Logo após a apresentação da música, colocamos em um papel *kraft* palavras que mais marcaram na letra da música e assim, nasceram os personagens e detalhes da dramaturgia coletiva que criamos com as meninas do socioeducativo. Nas quintas-feiras, realizamos exercícios de improvisação e interpretação, as meninas só de olharem a “caixinha das palavras”, já se animavam. O que aprendemos sobre potência em cena, criatividade e histórias de vida, faz com que esse projeto tenha tido muito mais sucesso do que planejamos. Ver a evolução e crescimentos de meninas que estavam do começo ao fim, foi gratificante em inúmeras formas e por isso, eu e meus colegas pretendemos terminar a dramaturgia, encontrar algumas das meninas após seu percurso no CIF e montar a peça em si.

Contudo, é quase inevitável falar sobre espaços de vigilância e não falar sobre dificuldades encontradas. Sendo eu uma mulher negra, estou ciente que em qualquer lugar que

eu coloque meus pés, minha cor pinta a minha trajetória. Foi surpreendente ler e estudar sobre o sistema prisional, ter marcado na mente que a maioria da população carcerária no Brasil é composta por pessoas negras, mas ter a maior parte de alunas brancas. Talvez por uma questão regional das meninas que estão presentes no CIF, mas mesmo assim fico me perguntando “onde estão as pessoas negras?”

Logo, o racismo apareceu e veio como um susto, uma trava, como um soco no estômago. Muitas situações nesses locais mexem conosco, mas ter visto uma cena de racismo tão direta entre as meninas do CIF foi realmente um momento marcante neste percurso. A cena aconteceu no final de nosso período no espaço, o laço e vínculo com cada uma delas já estava forte e bem estabelecido graças a construção que fizemos a cada encontro. Em diversas vezes, ouvi comentários sobre minhas tranças *box braids*, um dos estilos de cabelo que pessoas negras utilizam em forma de resistência, mas como estes comentários por mais que racistas, eram usados como elogios, eu ignorei. Porém, quando uma das meninas realizou um comentário racista e pejorativo à outra, a minha reação imediata foi pontuar que aquela situação não deveria se repetir, pois era racismo e isto é muito grave, além de ser um crime. Nas escolas as coisas se transformam rapidamente com uma semana entre cada aula, os alunos esquecem até dos nomes entre si, mas no socioeducativo cada detalhe tem sua intensidade, seja para situações positivas ou não.

Contudo, como realizamos uma construção profunda e alegre com as meninas, tudo ocorreu bem, os direcionamentos do orientador nesta questão fez com que eu respirasse e seguisse no planejamento, afinal, elas assim como eu e meus colegas estão ali para aprender e assim, volto a pergunta que carrego como título desta escrita “Como lidar com a diversidade étnica racial entre educadora e alunas?” Sigo sem respostas concretas, pois muito do que vivemos e aprendemos lá vem através da prática e pesquisa sobre a temática, qual pretendo continuar pesquisando como licenciada em Teatro. No começo, uma dificuldade que tive foi a grande rotatividade entre as alunas, por ser um local de passagem, havia semanas que tinham duas ou até três novas alunas, mas também tinha semanas que uma ou duas alunas iam embora sem sequer se despedir, e não por elas, mas porque as novidades são rápidas e às vezes nem éramos avisadas. Com o tempo, eu, Thaís e meus colegas fomos lidando melhor com essas questões do sistema socioeducativo, fortalecendo o entendimento de que estar ali, além de ser parte de nossa formação como professores, é também um ato de resistência ao direito à cultura. Sabemos bem que nem todos os espaços de privação de liberdade possuem acesso à informação e talvez, somente a presença de um educador ou educadora negra faça com que a diversidade étnica racial não seja mais uma questão que gere desconforto ou estranhamento e sim, sinônimo de conhecimento diverso e amplo. Mesmo com as dificuldades enfrentadas nos encontros com as meninas, conseguimos resolver e aprender muito, até no momento que descobrimos que nossos encontros semanais foram suspensos por causa de cursos profissionalizantes que elas ganharam, nós bolsistas lidamos com firmeza, queríamos muito um último encontro e o tivemos, foi um momento de nostalgia e gratidão por cada ensinamento e troca.

Palavras-chave: Teatro e Prisão. Pedagogia do Teatro. Negritude.